



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RUTE COSTA DA SILVA

**SAUDÁVEL *VERSUS* PATOLÓGICO:** o papel do psicólogo na elaboração do luto  
frente à criança e ao adolescente – uma revisão integrativa

ICÓ – CE  
2025

RUTE COSTA DA SILVA

**SAUDÁVEL *VERSUS* PATOLÓGICO:** o papel do psicólogo na elaboração do luto frente à  
criança e ao adolescente – uma revisão integrativa

Projeto de Pesquisa submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS), como requisito para a aprovação, nota e obtenção do título de Bacharelada em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Lielton Maia Silva

ICÓ – CE

2025

RUTE COSTA DA SILVA

**SAUDÁVEL *VERSUS* PATOLÓGICO:** o papel do psicólogo na elaboração do luto frente à  
criança e ao adolescente – uma revisão integrativa

Trabalho de conclusão de curso aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, como requisito para a  
aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro  
Universitário Vale do Salgado.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Me. Lielton Maia Silva

*Orientador*

---

Prof. Ma. Isabela Bezerra Ribeiro

*Avaliadora*

---

Prof. Ma. Sandra Mary Duarte

*Avaliadora*

ICÓ – CE

2025

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão e amor a Deus, que foi meu guia e sustento ao longo de toda esta caminhada acadêmica de Psicologia. Sua presença me concedeu discernimento, força e sabedoria para enfrentar cada desafio, iluminou meus caminhos e renovou minha fé nos momentos de maior dificuldade durante esta trajetória. Toda honra e glória ao Senhor, pois, sem Ele, esta conquista não teria sido possível.

Agradeço imensamente ao meu amado esposo, Thiago, por sua paciência, amor e constante apoio ao longo da minha graduação. Sua presença ao meu lado foi fundamental para me fortalecer, permitindo que eu superasse os desafios e alcançasse esta conquista. Sou grata por suas palavras de encorajamento, por acreditar em mim mesmo nos momentos mais difíceis, por cuidar da nossa filha enquanto eu estava na universidade e por sempre me aplaudir e vibrar comigo a cada etapa vencida.

Agradeço também à minha filha, Maria Melissy, que é minha maior inspiração, força e combustível. Sua alegria e amor me motivaram a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Cada sorriso seu foi um lembrete do porquê vale a pena lutar pelos nossos sonhos. Este trabalho é também por você, meu amor!

À minha Dadá, “minha mãe de coração”, minha guerreira, fortaleza, sinônimo de fé, força e coragem, és uma das pessoas por quem mais luto para vencer na vida. Foram muitas idas e vindas a hospitais ao seu lado durante toda esta jornada, mas, graças a Deus, chegamos até aqui. A Senhora é minha referência neste mundo. Obrigada por todo o amor, cuidado e por cada oração.

Aos meus pais, Gleuda e João, por quem sinto uma gratidão imensa e amor incondicional, meu sincero agradecimento por todo o apoio em cada passo da minha caminhada. Hoje, com plena convicção, afirmo que dar orgulho a vocês é uma questão de honra. Esta vitória também é de vocês.

Aos meus amores, Ticianny e Héctor, filhos de coração, obrigada por todo o incentivo, por acreditarem em mim e por nunca permitirem que eu descreditasse do meu potencial. Agradeço também aos meus irmãos, Raquel e Esdras, por estarem ao meu lado durante todo esse processo.

Às minhas amigas Dany e Vânia, minha gratidão pelo suporte e amparo. Obrigada por estarem ao meu lado durante essa caminhada, compartilhando comigo cada etapa com carinho e presença constante.

Ao meu orientador, Prof. Me. Lielton Maia Silva, expresso minha mais sincera gratidão pela paciência, dedicação e orientação ao longo desta jornada tão desafiadora. Sua experiência e disponibilidade foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Seus conselhos serviram não apenas como guias acadêmicos, mas também como inspirações para minha formação profissional. Sua dedicação e incentivo me ampararam nos momentos de incerteza e contribuíram significativamente para que eu alcançasse um novo nível de aprendizado e autoconfiança. Sou imensamente grata por todo apoio em cada etapa deste processo. Sua contribuição ficará para sempre registrada em minha trajetória.

Por fim, quero expressar minha mais profunda gratidão a todos os professores que, com seu conhecimento, dedicação e inspiração, contribuíram significativamente para a minha formação. Seus ensinamentos não apenas enriqueceram minha trajetória acadêmica, mas também moldaram minha visão de mundo e minha forma de atuação profissional. Cada lição permanecerá gravada para sempre em minha memória e em meu coração. A vocês, meu mais sincero agradecimento por serem parte fundamental desta conquista.

# SAUDÁVEL *VERSUS* PATOLÓGICO: o papel do psicólogo na elaboração do luto frente à criança e ao adolescente – uma revisão integrativa

Rute Costa da Silva<sup>1</sup>  
Prof. Me. Lielton Maia Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O luto é um processo complexo que, embora natural, pode causar intenso sofrimento, especialmente quando vivenciado na infância e adolescência. Com base na compreensão de que o luto pode se manifestar de forma saudável ou patológica, este estudo teve como objetivo compreender o papel do psicólogo no acompanhamento de crianças e adolescentes enlutados. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio das bases de dados do Portal Periódicos da CAPES. A amostra final foi composta por seis artigos publicados entre 2019 e 2024. A análise seguiu as etapas propostas por Bardin, organizando os achados em três categorias principais. Os resultados indicaram que o luto normativo permite uma adaptação progressiva à perda, enquanto o luto patológico é marcado por sofrimento prolongado e prejuízos significativos à saúde mental. Nesse contexto, o papel do psicólogo mostra-se essencial, oferecendo suporte emocional, promovendo estratégias de enfrentamento e facilitando a expressão dos sentimentos por parte da criança ou adolescente enlutado. Os estudos também destacaram a relevância do envolvimento familiar, da escuta empática e da participação em rituais de despedida como recursos terapêuticos importantes para a elaboração de um luto saudável.

**Palavras-chave:** Luto Prolongado, Criança, Adolescente, Psicologia.

## ABSTRACT

Grief is a complex process that, although natural, can cause intense suffering, especially when experienced during childhood and adolescence. Based on the understanding that grief can manifest in either a healthy or pathological way, this study aimed to understand the psychologist's role in supporting bereaved children and adolescents. This is an integrative literature review, carried out through the CAPES Journal Portal databases. The final sample consisted of six articles published between 2019 and 2024. The analysis followed the steps proposed by Bardin, organizing the findings into three main categories. The results indicated that normative grief allows for a progressive adaptation to loss, while pathological grief is marked by prolonged suffering and significant impairments to mental health. In this context, the psychologist's role is essential, offering emotional support, promoting coping strategies, and facilitating the expression of feelings by the bereaved child or adolescent. The studies also highlighted the importance of family involvement, empathic listening, and participation in farewell rituals as important therapeutic resources for the healthy elaboration of grief.

**Keywords:** Prolonged Grief, Child, Adolescent, Psychology.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS). E-mail: ruthyico@gmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Ciências da Saúde (FMABC/SP). Especialista em Avaliação Neuropsicológica (UNIBF). Professor e Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS). E-mail: lieltonmaia@univs.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

O luto é um processo emocional e mental complexo, desencadeado pela perda de algo ou alguém significativo. A pessoa enlutada precisa se adaptar à nova realidade, o que pode ser desafiador, pois a morte confronta os indivíduos com um momento para o qual nunca estão completamente preparados. Esse período de luto pode gerar sentimentos de confusão e desorientação, tornando difícil saber como seguir em frente (Medeiros *et al.*, 2019).

O luto normal é uma reação natural à perda de alguém querido. Ele é complexo e único para cada pessoa, é influenciado por fatores individuais. Após a perda, é comum vivenciar emoções intensas e recorrer a rituais para enfrentamento da dor. Com o tempo, a maioria consegue aceitar e integrar a perda à vida, o que caracteriza o luto resolvido. No entanto, aceitar não é o mesmo que esquecer, pois o luto é uma experiência duradoura, ainda que se torne mais leve com o tempo (Marques, 2020).

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR, 2022), o luto pode ser classificado como normal ou patológico, sendo a principal diferença entre eles a duração dos sintomas. Quando um adulto apresenta sinais persistentes de luto por um período igual ou superior a doze meses, ou quando uma criança ou adolescente manifesta esses sinais por mais de seis meses, pode-se caracterizar o quadro como Transtorno do Luto Complexo Persistente, também conhecido como luto patológico.

Na obra *Sobre a Morte e o Morrer*, Elisabeth Kübler-Ross (2017) propõe um modelo teórico amplamente reconhecido para compreender o processo do luto, estruturado em cinco estágios distintos. O primeiro estágio é o da negação e isolamento, caracterizado por uma resposta inicial de incredulidade e recusa em aceitar a realidade da perda. O segundo estágio é o da raiva, no qual a pessoa reconhece a perda, mas reage com revolta e ressentimento, frequentemente dirigidos a si mesmo, a outros ou até a um ser divino. Em seguida, ocorre o estágio da barganha, marcado por tentativas de negociação, muitas vezes internas ou espirituais, na esperança de reverter ou adiar a perda, geralmente acompanhadas de promessas de mudança pessoal. O quarto estágio é o da depressão, no qual predominam sentimentos de tristeza profunda, desesperança e isolamento, refletindo a confrontação direta com a ausência do ente perdido. Por fim, o quinto estágio é o da aceitação, momento em que o indivíduo, embora ainda possa sentir dor, atinge um nível de compreensão que lhe permite integrar a perda à sua vida. É importante ressaltar que nem todas as pessoas vivenciam todos os estágios, tampouco seguem essa ordem linear.

Assim, o luto pode se manifestar de diversas formas, variando de pessoa para pessoa. Essas expressões podem incluir desde a escolha das vestimentas como, por exemplo, o uso de roupas pretas, até o tempo que cada indivíduo permanece em luto. Além disso, os sentimentos e as maneiras de vivenciar esse processo podem ser influenciados por aspectos culturais e/ou religiosos, refletindo tradições e crenças que orientam o enfrentamento da perda. Tais manifestações são diversas e dependem de fatores pessoais, sociais e culturais (Basso; Wainer, 2011).

Diante do grande tabu que ainda envolve a morte e a dificuldade em lidar com a perda de um ente querido, o interesse por este estudo partiu da curiosidade de compreender como ocorre a elaboração do luto em crianças e adolescentes, com ênfase na promoção de um processo saudável de enfrentamento da perda e na prevenção do desenvolvimento de quadros patológicos decorrentes dessa vivência. Apesar de saber que a morte é um fenômeno inevitável e intransigente, a humanidade continua despreparada para enfrentá-la. Nesse contexto, investigar o luto contribui de forma significativa para a psicologia e para a sociedade em geral, promovendo uma conscientização social sobre a importância de abordá-lo de maneira saudável, especialmente na infância e na adolescência, ajudando a reduzir tabus e fomentar um diálogo mais aberto sobre o tema.

A pesquisa foi norteada pela seguinte questão: como o psicólogo, enquanto profissional da saúde, pode atuar na facilitação do manejo das reações emocionais para promover um processo de luto saudável e evitar que ele se torne patológico, especialmente em casos de crianças e adolescentes que se recusam a aceitar a morte?

A relevância deste estudo fundamenta-se em três dimensões: acadêmica, social e científica. Do ponto de vista acadêmico, a investigação se originou da observação de dificuldades recorrentes no atendimento psicológico a crianças e adolescentes enlutados, contribuindo para a qualificação da prática profissional. Em termos sociais, o estudo abordou o luto como uma experiência universal, porém ainda envolta em tabus, especialmente durante a infância e adolescência, promovendo reflexões sobre a importância das vivências familiares e dos vínculos afetivos no processo de elaboração da perda. No aspecto científico, a pesquisa buscou ampliar o corpo teórico da psicologia ao explorar de forma aprofundada o papel do psicólogo na mediação de um luto adaptativo em crianças e adolescentes.

Para responder à questão proposta, estabeleceu-se como objetivo geral: compreender o papel do psicólogo frente a crianças e adolescentes enlutados. Além disso, foram determinados os seguintes objetivos específicos: (1) apresentar a definição de luto, luto normal e patológico; (2) mostrar a importância da psicologia na elaboração do processo de

luto no desenvolvimento infantil; e (3) descrever as dificuldades que os profissionais de psicologia identificam no trabalho com crianças e adolescentes no processo de luto.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O QUE É O LUTO E COMO DIFERENCIÁ-LO ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO

A origem da palavra luto remonta ao latim *luctus*, que significa dor e ao verbo *lugere*, que significa lamentar ou chorar. Em outros idiomas, palavras como *mourning*, em inglês, e *Trauer*, em alemão, carregam o mesmo significado. Originalmente, o termo luto refere-se tanto ao sentimento de tristeza e dor pela perda de alguém quanto às expressões externas desse sofrimento, como o uso de roupas escuras ou outras formas de demonstrar pesar. O luto, portanto, abrange tanto as emoções internas quanto as manifestações visíveis do sofrimento (Pinho, 2022).

Com a morte, instaura-se o luto, um processo considerado uma resposta normal diante de uma situação de estresse. A criança enlutada reconhece a perda, permitindo a expressão da dor e o reajuste a novos vínculos. Embora o luto não seja classificado como uma doença, trata-se de uma reação natural ao estresse da vida, que será inevitavelmente vivenciada por todos, mais cedo ou mais tarde, sem que isso represente, necessariamente, um transtorno mental (Parkes, 1998).

O luto é uma reação natural à perda de algo ou alguém que possuía grande importância e valor afetivo na vida de uma pessoa. Esse processo é caracterizado por sentimentos de sofrimento e saudade. Qualquer situação que envolva um vínculo emocional e resulte em perda pode desencadear o luto. No entanto, quando esse processo se prolonga por um período excessivamente longo e provoca uma dor persistente, a ponto de a pessoa não conseguir retomar suas atividades de forma funcional, pode evoluir para um transtorno. Em outras palavras, o luto não adequadamente elaborado pode desencadear problemas mais graves, comprometendo a saúde mental e o bem-estar do indivíduo (Brasil, 2022).

O luto prolongado, também denominado luto complexo ou complicado, é atualmente classificado como um transtorno mental por importantes instituições de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Associação Americana de Psiquiatria (APA). Essa condição está incluída nos principais sistemas internacionais de diagnóstico: a CID-11 (Classificação Internacional de Doenças), da OMS, e o DSM-5-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), da APA. Pessoas que vivenciam esse tipo de luto

costumam apresentar sintomas semelhantes aos de transtornos como depressão e ansiedade, incluindo tristeza intensa, desinteresse por atividades cotidianas e dificuldade de concentração. No entanto, o que diferencia o luto prolongado é o fato de estar diretamente relacionado à perda de alguém próximo, ao contrário de outros transtornos psíquicos, cujas causas podem ser mais variadas (Brasil, 2022).

No processo de luto saudável, a perda é inicialmente marcada por uma dor intensa, que, com o tempo, vai sendo ressignificada. Esse processo difere do que ocorre no luto prolongado. Em um luto saudável, é comum que a pessoa alterne momentos de maior foco na perda com períodos em que consegue retomar atividades cotidianas, como trabalho e estudos. No entanto, quando o indivíduo permanece excessivamente centrado na perda e demonstra dificuldade em retomar sua rotina ou reintegrar-se às lembranças de forma funcional, pode-se caracterizar um processo de luto prolongado (Brasil, 2022).

Os sintomas do luto complexo podem ser intensos e duradouros, variando conforme a faixa etária. Os critérios para o diagnóstico de Transtorno do Luto Prolongado (TLP) em crianças e adolescentes baseiam-se na presença de sintomas como sentimentos de desamparo e rejeição, além de sinais como isolamento, introspecção, dificuldade de concentração, prejuízo na socialização e sofrimento agudo. Em adultos, os sintomas incluem dificuldades de atenção e produtividade, sentimento de perda do sentido da vida e incapacidade, além de diminuição da libido e do desejo, resultando em isolamento com intensidade e características diferentes das observadas em jovens (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2022).

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO DURANTE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A morte é um tema que, na cultura ocidental, ainda é pouco discutido e frequentemente visto como um assunto delicado, cercado por mistérios e crenças populares, o que dificulta o enfrentamento da perda. Quando ocorre, seja de forma inesperada, traumática ou por enfermidade, provoca diversas mudanças na vida da criança, podendo gerar impactos negativos e transformações em sua rotina, especialmente nos aspectos emocional e cognitivo. Nesse contexto, a família que vivencia o luto pode buscar apoio psicológico para crianças, no qual o profissional prioriza o acolhimento e a escuta empática, permitindo que o indivíduo expresse seus sentimentos e receba o suporte adequado para lidar com a dor da perda (Roncatto, 2019).

A psicologia, enquanto ciência dedicada ao estudo do ser humano e de suas experiências de vida, possui uma relação direta com a morte, tornando esse tema relevante para a compreensão dos processos emocionais e sociais envolvidos na experiência do luto (Kovács, 1992). Sengik e Ramos (2013) destacam que o acompanhamento psicológico permite que a criança expresse seus medos, sentimentos e angústias, possibilitando respostas às suas diversas dúvidas. Isso facilita a compreensão do conceito de morte e auxilia na adaptação à nova realidade.

Na Psicologia, acolher e validar o processo de luto na infância é de suma importância. Quando o luto é banalizado ou não legitimado, a criança pode não vivenciá-lo de forma adequada, isto é, conforme suas necessidades e sentimentos individuais. Isso pode resultar em um luto complicado, caracterizado por ser prolongado e intenso, capaz de causar problemas à saúde mental e física. Além disso, pode dificultar a readaptação à vida cotidiana, trazendo prejuízos significativos para a criança enlutada (Azevedo, 2023).

Quanto mais informações verdadeiras a família transmitir à criança sobre a morte do ente querido, melhor será, pois esses esclarecimentos são necessários e fundamentais para que ocorra uma adaptação adequada. Dessa forma, a superação do luto poderá acontecer de maneira mais rápida, permitindo que ambos possam dar continuidade à vida sem a presença do ente querido falecido (Torres, 2013).

Ao contrário do que muitos adultos pensam, falar sobre a morte de forma honesta com as crianças não é criar a dor ou aumentá-la, pelo contrário, a verdade pode aliviar a criança e ajudar a elaborar melhor o luto de forma mais saudável. As crianças têm capacidade de lidar com a morte, esconder a verdade pode gerar um sofrimento e dificuldade no enfrentamento do luto (Paiva, 2008).

Quando ocorre o luto infantil, a Psicologia pode colaborar oferecendo um espaço de escuta qualificada sem julgamentos tanto para a criança enlutada quanto para seus familiares. O papel do psicólogo diante das questões relacionadas ao luto infantil vai além de ajudar a criança a lidar com o luto. Também lhe cabe compreender o equilíbrio emocional e a dor da criança diante dos conflitos dessa separação, além de proporcionar o apoio adequado e contribuir para uma ressignificação da vida (Prado, 2018).

O suporte psicológico após a perda de alguém querido é essencial para ajudar a criança a lidar com a dor e reorganizar suas emoções. Esse acompanhamento permite que ela enfrente o luto de maneira mais saudável, reduzindo impactos negativos no seu desenvolvimento e na rotina diária. Quando o luto não é bem trabalhado, pode causar dificuldades no aprendizado,

nas relações sociais e até provocar problemas emocionais na infância ou na vida adulta (Tavares, 2018).

A psicologia ajuda a criança a elaborar e ressignificar o luto, apoiando também a reorganização da rede familiar, o que favorece um processo saudável de luto. A intervenção psicológica permite que a criança expresse suas angústias e compreenda a perda, a redução do impacto negativo do luto. Problemas não resolvidos podem afetar o desenvolvimento cognitivo e social, aumentando o risco de psicopatologia (Azevedo, 2023).

### 2.3 DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NO ACOMPANHAMENTO DO LUTO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Quando uma criança ou adolescente perde alguém muito querido, ela pode ficar triste, desconsolada, isolada, confusa e retraída em seu próprio mundo. Em alguns casos, tanto crianças quanto adolescentes desenvolvem sentimentos de falta de proteção e desamparo, pois os vínculos afetivos foram rompidos, fazendo com que se sintam desprotegidos e negligenciados. A experiência do luto é vivida de forma única e particular por cada um deles, e é um equívoco impor-lhes um modelo de luto semelhante ao dos adultos. Crianças e adolescentes manifestam reações, emoções e comportamentos distintos ao lidar com a morte de um ente querido (Kovács, 1992).

Elaborar o luto causado pela morte de uma pessoa significativa é um processo complexo, especialmente quando envolve crianças ou adolescentes. A ausência desse ente querido pode ser percebida como uma ameaça à segurança emocional, tornando fundamental que a perda seja assimilada de forma gradual. Expressar sentimentos por meio da fala, do choro, dos desenhos ou das brincadeiras auxilia na elaboração desse luto. Cabe aos adultos explicar a morte de maneira clara e adequada à faixa etária da criança, garantindo que ela compreenda a irreversibilidade da perda. Essa abordagem facilita a aceitação e contribui para um enfrentamento emocional mais saudável (Sengik; Ramos, 2013).

A morte é um processo natural irreversível que acontece com todos os seres vivos. Quando os adultos evitam falar sobre o assunto com as crianças para protegê-las, podem acabar dificultando sua compreensão sobre a vida. É importante ter um diálogo aberta sobre o tema, ajudando a criança a entender que a morte faz parte do ciclo natural da existência. (Paiva, 2008).

Cada família adota um método diferente para lidar com a morte. Em alguns casos, os familiares preferem evitar falar sobre o assunto, acreditando que essa estratégia pode

minimizar o sofrimento causado pela perda. Isso significa que, ao não abordar a morte diretamente, a família espera proteger seus membros, especialmente a criança, da dor e da tristeza. No entanto, ocultar a verdade pode prejudicar o processo de luto da criança e sua relação com o adulto cuidador. A criança pode inicialmente negar a morte, mas, eventualmente, enfrentará a realidade, o que pode causar perturbação e frustração caso as informações fornecidas contradigam os fatos. A negação, se reforçada pelos adultos, dificulta a aceitação e a adaptação à nova realidade. A transparência e a honestidade são essenciais para ajudar a criança a lidar com a perda de maneira saudável (Kovács, 1992).

É mais benéfico para crianças e adolescentes que os adultos abordem e respondam suas perguntas sobre a morte de forma direta e honesta. Isso é preferível a permitir que as crianças criem medos irracionais ou fantasias não esclarecidas em suas mentes. Quando não recebem explicações claras, elas podem imaginar cenários assustadores ou confusos, o que contribui para o aumento da ansiedade e do medo (Sengik; Ramos, 2013).

O processo de luto em crianças é influenciado pelo nível de desenvolvimento emocional e cognitivo delas. As crianças podem expressar a dor por meio de comportamentos como raiva ou negação, e podem se sentir confusas quando os adultos usam eufemismos para falar sobre a morte. Como as crianças têm dificuldade em entender conceitos abstratos, o uso dessas expressões pode prejudicar sua compreensão sobre a perda. Por isso, é importante ser claro e direto ao falar sobre a morte com elas, a fim de evitar mal-entendidos e facilitar o processo de luto (Papalia *et al* 2022).

Em casos de perdas por morte, o processo de enfrentamento do luto infantil pode ser ainda mais difícil e doloroso, exigindo suporte especializado. A criança, por ainda estar desenvolvendo sua compreensão sobre a morte, pode manifestar reações intensas. Nessas situações, a intervenção de um psicólogo se torna essencial, pois ele pode oferecer acolhimento e ferramentas adequadas para ajudar na elaboração do luto de maneira saudável (Carvalho, 2011).

Muitas famílias evitam levar crianças a velórios por medo de que o ambiente triste ou a experiência em si cause impacto emocional. No entanto, afastá-las pode gerar confusão e dificultar a compreensão da morte. A participação no ritual permite que a criança entenda a perda de forma mais real e inicie um processo de luto mais saudável. Além disso, estar presente possibilita apoio emocional e psicológico, ajudando na expressão dos sentimentos. A decisão deve considerar o contexto e as necessidades da criança. Um acolhimento adequado faz toda a diferença. (Prado, 2018).

### 3 METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos estabelecidos, trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese de evidências provenientes de diversos estudos relevantes por meio da análise crítica de pesquisas pertinentes. Essa abordagem permite elaborar conclusões embasadas em resultados de investigações que abordam questões semelhantes, contribuindo para a geração de conhecimento aplicável em múltiplos contextos, além de facilitar a resolução de problemas e orientar futuras pesquisas (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Para o delineamento do estudo foram seguidas as etapas propostas por Mendes, Silveira e Galvão (2008), a saber: 1) Definição da temática e escolha da hipótese ou problemática de investigação para a construção da revisão integrativa; 2) Definição dos critérios de inclusão e exclusão; 3) Seleção das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/organização dos trabalhos analisados; 4) Análise dos estudos incorporados na revisão; 5) Interpretação dos resultados; e 6) Divulgação da revisão/síntese do conhecimento adquirido.

A busca foi realizada em Janeiro de 2025 nas bases de dados do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os resultados obtidos nas bases de dados foram exportados e organizados no gerenciador de referências *EndNote Web*, onde foram excluídos os artigos duplicados.

Com o objetivo de obter respostas adequadas à questão de pesquisa e aprimorar a definição dos descritores, foi utilizada a estratégia PVO (*Population, Variables and Outcomes*), que orienta a formulação de perguntas clínicas estruturadas. Essa abordagem possibilitou a correlação entre os termos da pergunta norteadora e os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), favorecendo a padronização dos componentes da pesquisa e a otimização das buscas nas bases de dados. Os descritores utilizados para a realização das buscas foram: “luto prolongado”, “criança”, “adolescente” e “psicologia”.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos publicados em língua portuguesa, com acesso gratuito e disponíveis na íntegra; estudos que abordassem integralmente a temática proposta na revisão integrativa e que respondessem à questão de pesquisa; e publicações com recorte temporal limitado aos últimos cinco anos. Já os critérios de exclusão contemplaram artigos que não abordavam a vivência do luto na infância ou adolescência, que não respondiam à questão norteadora da pesquisa, que ultrapassavam o

recorte temporal definido, que apresentavam abordagens desalinhadas aos objetivos do estudo ou que, embora identificados nas bases de dados, não estavam disponíveis na íntegra.

Inicialmente, foi realizada a leitura dos títulos e resumos, com o objetivo de eliminar as publicações que não apresentavam relação com o tema do estudo. Os artigos com títulos sugestivos, mas sem resumo disponível, foram mantidos para uma avaliação mais detalhada em etapa posterior. Após essa triagem, os artigos considerados elegíveis passaram por leitura na íntegra e foram avaliados individualmente. Em seguida, foram selecionados aqueles que respondiam à questão de pesquisa. Concluída essa etapa, procedeu-se à extração dos dados a serem incorporados na revisão.

Os estudos incluídos foram analisados com cautela, e os dados extraídos foram interpretados à luz do método proposto por Bardin (2016). Para uma análise de conteúdo qualitativa mais fidedigna, são necessárias três etapas: a pré-análise, na qual o material é lido de forma geral com o intuito de delinear seus objetivos; a exploração do material, etapa em que os dados das pesquisas são analisados em profundidade e organizados em categorias temáticas; e, por fim, o tratamento dos resultados e a interpretação, momento em que os dados são selecionados com o objetivo de identificar padrões que respondam aos propósitos da pesquisa (Bardin, 2016).

O quadro 1 descreve o processo de seleção dos artigos nas bases de dados com seus respectivos resultados.

**Quadro 1** - Processo de seleção dos artigos nas bases de dados. Icó, CE, Brasil, 2025

<b>Etapa</b>	<b>Fonte/Base de Dados</b>	<b>Resultados</b>	<b>Filtros Aplicados</b>	<b>Artigos Selecionados</b>
<b>Busca inicial</b>	CAPES	8.697	Filtros por ano (2019–2024)	4
<b>Seleção por descritores</b>	CAPES	20	Aplicação de descritores específicos relacionados ao tema de luto	12

<b>Aplicação de critérios de exclusão</b>	CAPES	12	Exclusão por duplicidade, inadequação ao tema e critérios de elegibilidade	6 excluídos
<b>Seleção final</b>	CAPES	6	Seleção dos artigos que atenderam plenamente aos critérios	6 artigos selecionados

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2025

O quadro 2 traz uma síntese dos estudos que foram analisados na íntegra.

**Quadro 2** - Material analisados para inclusão. Icó, CE, Brasil, 2025

<b>Autor(es)Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Base</b>
ACCETTI, R., 2024	Ressignificando Perdas: Reflexões e Práticas para (sobre)viver à metamorfose do luto	CAPES
Dacoregio, 2024	Luto na infância e adolescência: Estratégia para a comunicação eficiente.	CAPES
Lucena, H. B. N. <i>et al.</i> , 2024	Respostas dos adolescentes no enfrentamento ao luto.	CAPES
Scaravonatto, E.; Maravilha, T. C.; Prudente, R., 2024	Luto infantil: como a perda dos pais pode impactar no desenvolvimento da criança	CAPES
Reis, L. C.; Ribeiro, S. D., 2021	Impacto do transtorno do luto prolongado na saúde mental.	CAPES
Alves, R. R.; Rocha, F. N. D., 2019	De coração partido: a obscuridade e a clareza da vivência do luto	CAPES
Teixeira, C. D. S. <i>et al.</i> , 2022	Ressignificando a vida: o luto em crianças e adolescentes durante a pandemia por COVID-19	CAPES
Trois, J. F. D. M.; Wendt, E., 2022	Luto Infantil: trilhando o caminho de mãos dadas.	CAPES
Cruz, M. C. N. L. <i>et al.</i> , 2021	Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil	CAPES

2021 – PEREIRA, L.A.G. <i>et al.</i> , 2021	Atendimento ao luto na infância: percepções e estratégias utilizadas pelo psicólogo	CAPES
Mello, G. R. E. D.; Lima, L. P.; Mota, D. C. B., 2021	Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira.	CAPES
Klinger, E. F., 2021	O luto na infância: uma revisão sistemática.	CAPES

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2025

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação dos resultados ocorreu por meio de um quadro de caracterização dos estudos incluídos, possibilitando a interpretação e posterior integração dos mesmos.

**Quadro 3** – Apresentação dos artigos incluídos na revisão. Icó, CE, Brasil, 2025

Artigo	Autores e ano	Tipo de publicação	Periódico	Metodologia	Construto
A1	Dacoregio, 2024	Artigo	Lume Digital	Estudo de Caso	Compreender as consequências do período de luto na vida da criança ou do adolescente que passa por este período e de suas repercussões na Saúde Mental do paciente
A2	Cruz <i>et al.</i> , 2021	Artigo	Research, Society and Development	Revisão narrativa da literatura	Compreender como se dá o processo do luto em crianças.
A3	Klinger; Miranda; Oliveira, 2021	Artigo	International Journal of Development Research	Revisão Sistemática	Apresentar como a morte e o luto na infância são abordados.
A4	Teixeira <i>et al.</i> ; 2022	Artigo	Google Acadêmico	Revisão bibliográfica	Identificar os aspectos emocionais de crianças e adolescentes após a experiência de luto.

A5	Melo; Lima; Mota, 2021	Artigo	Revista Saber Digital	Revisão Narrativa da Literatura	Compreender as percepções e vivências do luto infantil.
A6	Pereira <i>et al.</i> , 2021	Artigo	Google Acadêmico	Estudo a revisão sistemática	Investigar o entendimento dos psicoterapeutas infantis sobre o atendimento com crianças enlutadas.

**Fonte:** elaborado pela autora, 2025

A divisão realizada e as denominações “A1, A2, A3, A4, A5 e A6” referem-se aos trabalhos selecionados para apresentar e desenvolver os resultados e discussões. Esse segmento, juntamente com as categorizações adotadas, visa uma organização mais eficiente no trabalho e facilita a interpretação por parte dos leitores.

#### CATEGORIA I: DIFERENÇAS ENTRE LUTO SAUDÁVEL E PATOLÓGICO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

No artigo A1, destacou-se que o luto simples é caracterizado por sentimento de perda, tristeza e vazio, mas sem provocar prejuízos significativos à saúde mental da criança e adolescente enlutada. Nesse processo, a criança ou o adolescente permanece em um estado emocional relativamente equilibrado, sem alterações extremas. Ou seja, apesar da dor e da tristeza, ainda conseguem manter suas atividades cotidianas e, com o passar do tempo, vão se adaptando à ausência do ente querido de forma esperada, natural e saudável, sem o desenvolvimento de complicações psicológicas severas (Dacoregio, 2024).

Com base nos achados dos estudos, identificou-se que, nos artigos A3 e A5, há um consenso entre as autoras ao afirmarem que o luto normativo permite que a criança ou o adolescente vivencie o processo de perda sem impactos severos em sua saúde física ou psicológica. Por outro lado, o luto patológico é caracterizado por complicações que fazem com que a criança ou o adolescente reviva constantemente a dor da perda, o que pode resultar em sofrimento prolongado e dificuldades de adaptação (Klinger *et al.*, 2021; Mello *et al.*; 2021).

No artigo A1, observou-se que, na sociedade ocidental, o luto não possui uma duração fixa, embora existam expectativas sociais quanto à retomada das atividades e da rotina. Em

poucas semanas, espera-se que a criança ou o adolescente enlutado retorne à escola, enquanto a reorganização da vida ocorre gradualmente ao longo dos meses. Entre seis e doze meses, costuma-se considerar que a criança ou o adolescente já tenha encontrado condições para estabelecer novos vínculos e adaptar-se à ausência da pessoa falecida (Dacoregio, 2024).

O A6 concorda com o A1 também destacando que o luto não possui um tempo determinado para ser resolvido, pois se trata de um processo subjetivo, que varia de acordo com cada indivíduo. Diferentemente de outras experiências emocionais que podem seguir padrões mais previsíveis, o luto não obedece a um ciclo fixo de duração. Além disso, o estudo ressalta que o luto não está restrito a uma faixa etária específica, podendo ser vivenciado de forma intensa em qualquer fase da vida, inclusive na infância. Essa perspectiva reforça que o luto não deve ser automaticamente considerado patológico em determinada etapa do desenvolvimento, uma vez que sua manifestação depende da personalidade, do contexto e do suporte recebido pelo indivíduo (Pereira *et al*, 2021).

No artigo A2, o estudo revela que, no contexto infantil, a vivência da morte gera uma ampla variedade de emoções, não havendo uma única forma de reação, já que cada criança expressa seus sentimentos de maneira distinta. O luto infantil pode provocar medo, tristeza, dificuldade de concentração e angústia; além disso, são comuns sentimentos de desamparo e ansiedade. Esse processo é influenciado por diversos fatores, como a idade da criança, o ambiente familiar e a forma como a morte lhe é explicada (Cruz *et al*, 2021).

O A3 constatou que o luto prolongado, quando vivenciado por adultos, tende a provocar uma desorganização psíquica significativa, podendo resultar em tristeza profunda, alterações comportamentais e dificuldades temporárias de adaptação à vida sem a pessoa falecida. No entanto, em crianças, o impacto do luto pode ser ainda mais desestabilizador, considerando que estão em processo de desenvolvimento emocional e psicológico (Klinger *et al*, 2021).

## CATEGORIA II: A PSICOLOGIA DO LUTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Conforme apontado no artigo A2, os autores enfatizam a importância de cuidar do luto na infância, uma vez que ignorar esse sofrimento pode acarretar sérios prejuízos ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Quando o luto não é adequadamente elaborado, há um risco aumentado de surgimento de problemas psicológicos, os quais podem persistir até a vida adulta. Assim, é fundamental oferecer suporte adequado

para que a criança consiga elaborar a perda de forma saudável, minimizando possíveis consequências negativas no futuro (Cruz *et al*, 2021).

No artigo A3, é feita uma análise detalhada do processo de elaboração do luto pela criança, destacando o papel imprescindível do psicólogo no apoio após as perdas por morte. O trabalho do psicólogo é fundamental nesse processo, pois proporciona acolhimento emocional, segurança e compreensão, permitindo que a pessoa enlutada compartilhe suas dores e sentimentos. Além disso, a presença da família contribui para a criação de um ambiente de suporte, onde a pessoa se sente menos isolada, facilitando o enfrentamento dos desafios emocionais de forma mais saudável. O trabalho conjunto entre a família e o psicólogo pode ajudar a criança a ressignificar o luto diante das adversidades causadas pela perda (Klinger *et al*, 2021).

Todos os artigos analisados apresentam um consenso sobre a importância fundamental do suporte psicológico no processo de luto. Destaca-se que o luto pode estar associado a sentimentos complexos, como raiva, apatia e culpa, os quais frequentemente são difíceis de compreender e processar sem a assistência adequada. Nesse cenário, o papel do profissional de psicologia é essencial para auxiliar o indivíduo na interpretação e ressignificação dessas emoções, promovendo não apenas o bem-estar emocional, mas também a melhoria das relações interpessoais.

O artigo A3 também destaca que, em muitos casos, o luto infantil ocorre simultaneamente ao luto dos cuidadores, o que torna o processo ainda mais desafiador. Isso se deve ao fato de que, enquanto a criança necessita de apoio para lidar com suas emoções, a rede de suporte, composta por familiares, cuidadores ou outros adultos próximos, encontra-se fragilizada. Nesse contexto, o psicólogo desempenha um papel crucial como agente seguro, oferecendo acolhimento emocional e proporcionando um espaço para a partilha do sofrimento. Esse trabalho colaborativo contribui para evitar que os sentimentos sejam silenciados, ao mesmo tempo em que fortalece as relações interpessoais (Klinger *et al*, 2021).

Os artigos A4 e A5 complementam essa discussão ao reconhecerem a importância do psicólogo no processo de elaboração do luto infantil, destacando duas frentes principais de atuação: o cuidado direto com a criança e o suporte oferecido à família. Essa abordagem reforça uma visão sistêmica do luto, reconhecendo que o sofrimento da criança está interligado ao contexto familiar e que o acolhimento de ambos é essencial para um enfrentamento saudável da perda (Teixeira *et al*, 2022; Mello *et al.*; 2021).

A técnica do psicólogo é uma ferramenta integradora extremamente pertinente, pois demonstra como esse profissional articula diferentes dimensões emocionais, sociais e

relacionais que emergem diante da morte. Ele atua como mediador de sentimentos, significados e dinâmicas que muitas vezes são difíceis de expressar, especialmente no universo infantil, onde a compreensão da morte pode ser limitada ou distorcida.

Nos A2, A4 e A6 os autores elucidam que o psicólogo é o profissional qualificado para lidar com o luto infantil, oferecendo suporte emocional e estratégias para ajudar a criança a compreender e elaborar sua perda. Como especialista no desenvolvimento psicológico, ele consegue identificar dificuldades no processo de luto e propor intervenções adequadas para minimizar os impactos negativos (Cruz *et al*, 2021; Teixeira *et al*, 2022; Pereira *et al*, 2021).

Os autores do A6 enfatizam que os atendimentos psicológicos de crianças enlutadas exigem técnicas especializadas, construção de confiança e embasamento teórico adequado. O psicólogo infantil desempenha um papel essencial no manejo do luto, necessitando de formação específica, domínio das abordagens infantis e compreensão da comunicação da criança. Além disso, é importante que o profissional tenha disposição para trabalhar com esse público e siga os princípios éticos da profissão, garantindo um suporte adequado e humanizado (Pereira *et al*, 2021).

O artigo A2 reforça que o apoio psicológico é fundamental para crianças enlutadas, pois, além dos sentimentos de tristeza e angústia, elas podem apresentar comportamentos que os familiares nem sempre sabem como manejar. Entre os desafios estão a agressividade, dificuldades de socialização, problemas alimentares, déficit de atenção e baixo desempenho escolar, o que torna essencial a intervenção de um psicólogo. Esse profissional oferece suporte especializado, observando não apenas as emoções da criança, mas também seu contexto familiar e social, garantindo um acompanhamento personalizado que respeite seu tempo e favoreça a elaboração saudável do luto (Cruz *et al*, 2021).

Nesse contexto, observou-se que o acompanhamento do psicólogo infantil torna-se imprescindível para minimizar os impactos emocionais e físicos da perda, promovendo saúde e bem-estar. Sua atuação é especialmente relevante diante das especificidades do desenvolvimento emocional das crianças, que vivenciam o luto de maneira singular. Cabe a esse profissional oferecer acolhimento, facilitar a expressão dos sentimentos e auxiliar a criança a compreender e ressignificar a experiência da perda de forma saudável.

CATEGORIA III: DIFICULDADES ENCONTRADAS DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROCESSO DE LUTO

Verificou-se nos resultados do A1 que fatores que dificultam o enfrentamento do luto podem tornar esse processo ainda mais complexo e doloroso. A ausência de suporte familiar e social impacta diretamente a capacidade do indivíduo de lidar com a perda, aumentando o risco de sofrimento prolongado e dificuldades emocionais. Além disso, a baixa tolerância ao sofrimento pode levar à negação da dor, dificultando a elaboração saudável do luto e, em alguns casos, desencadeando consequências psicológicas como ansiedade e depressão (Dacoregio, 2024).

No A2, observou-se que a ausência de recursos emocionais totalmente desenvolvidos e de compreensão plena sobre a perda pode dificultar o processo de elaboração do luto. Além disso, o luto na infância pode influenciar diretamente o desenvolvimento psicológico da criança, exigindo atenção especial para evitar traumas duradouros (Cruz *et al*, 2021).

No A3, os resultados abordam aspectos centrais do luto infantil, enfatizando que a compreensão e a comunicação sobre a morte são processos complexos, frequentemente marcados por inseguranças. A análise apresentada no artigo destaca que fatores culturais exercem uma influência significativa nesse contexto, moldando as atitudes e práticas em relação à morte e ao luto (Klinger *et al*, 2021).

Em relação à abordagem da morte com crianças e adolescentes, os artigos destacam um consenso entre os autores: mesmo em diferentes estágios do desenvolvimento humano, tanto as crianças quanto os adolescentes reconhecem e vivenciam a morte principalmente como a ausência da pessoa falecida. Isso implica que, apesar da complexidade emocional e cognitiva envolvida, a morte é percebida de maneira concreta por ambos.

O estudo mostra que os adultos evitam falar sobre a perda, tentando esconder o assunto da criança, o que pode gerar impactos emocionais negativos. A falta de um diálogo compreensivo impede que a criança processe a situação de maneira saudável, gerando sentimentos de confusão e desamparo. Sem explicações claras sobre o ocorrido, a criança pode sentir-se insegura, não compreender a ausência do ente querido e até desenvolver ansiedade ou medo (Klinger *et al*, 2021).

O resultado do A5 evidencia um fenômeno amplamente discutido no âmbito do luto infantil, denominado por alguns estudiosos como 'Conspiração do Silêncio', que descreve a conduta de omissão coletiva diante do acontecimento da morte. Essa postura baseia-se em concepções sobre a infância que incentivam uma proteção excessiva das crianças, com o intuito de evitar que elas enfrentem as dificuldades ou os sofrimentos decorrentes da perda (Mello *et al.*; 2021).

Alguns autores corroboram que essa perspectiva trata a morte como algo fora do alcance da compreensão das crianças e, portanto, algo que deve ser evitado na comunicação. Embora essa visão tenha a intenção de minimizar o sofrimento infantil, ela pode ter efeitos opostos, dificultando a elaboração saudável do luto. O fenômeno reforça a discussão sobre a necessidade de incluir as crianças em conversas e rituais sobre a morte, ajudando-as a entender e processar esse momento de maneira adequada, em vez de reforçar o tabu e o silêncio.

No A5, ressalta-se um aspecto frequentemente desconsiderado em relação às crianças diante de uma perda: a inclusão em cerimônias como velórios e sepultamentos. Verificou-se a relevância dos rituais de despedida no processo de assimilação do luto infantil, pois, ao participar dessas ocasiões, a criança pode começar a entender e lidar com a ausência, ao mesmo tempo em que recompõe suas conexões sociais impactadas pela morte. Esses momentos não apenas auxiliam na aceitação da partida da pessoa amada, como também proporcionam suporte emocional e reforçam os vínculos com os familiares e a coletividade, tornando-se recursos positivos no enfrentamento do sofrimento (Mello *et al.*; 2021).

O A2 enfatiza que a adolescência é uma fase decisiva de transição, marcada por descobertas pessoais, emocionais e sociais. Mudanças físicas e relacionais tornam os jovens mais vulneráveis a eventos como a morte de um ente querido. Esse tipo de perda pode influenciar o desenvolvimento, interagindo com os desafios típicos da busca por identidade e autonomia, além de gerar reflexões sobre valores, significados e a fragilidade da vida (Cruz *et al.*, 2021).

O A4 também aponta a importância do suporte psicológico no processo de luto, especialmente no caso dos adolescentes. Um ponto importante que chama a atenção é a inibição emocional característica dessa fase da vida, que pode dificultar ou limitar a busca por ajuda psicológica. Por isso, reforça-se a importância de incentivar o autoconhecimento emocional nesse período, permitindo que os adolescentes identifiquem e expressem suas emoções de forma saudável. Esse estímulo ao autoconhecimento é crucial para superar as barreiras emocionais e alcançar um luto saudável.

Um ponto de destaque do A3 ressalta uma questão importante relacionada à prática profissional no contexto do luto. A falta de preparo de alguns profissionais pode acarretar um manejo inadequado do processo de luto, ignorando etapas essenciais para a elaboração emocional do paciente. Essa postura apressada pode resultar na negligência de sinais importantes, como a estagnação em fases específicas do luto. Além disso, diagnósticos

inadequados, gerados pela ausência de um olhar mais atento e técnico, podem intensificar o sofrimento do paciente, em vez de proporcionar alívio (Klinger *et al*, 2021).

A abordagem da morte e do luto na infância ou na adolescência exige sensibilidade e conhecimento por parte dos profissionais, especialmente psicólogos. O tema é cercado por receios e tabus, tornando essencial que aqueles que lidam com os mais jovens compreendam a delicadeza desse processo. Principalmente na infância, que é um período de intensa formação emocional e cognitiva, o modo como a criança vivencia o luto pode impactar profundamente seu desenvolvimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta deste trabalho teve como objetivo compreender as diferenças entre o luto normal e patológico, com ênfase no papel do psicólogo frente a crianças e adolescentes enlutados. A pesquisa revelou a escassez de estudos recentes sobre o impacto de fatores como as redes sociais e a elaboração do luto na infância e adolescência, destacando a necessidade de mais investigações neste campo. Observou-se que o tabu em relação à morte, muitas vezes perpetuado pela omissão dos adultos, pode dificultar o processo de luto saudável.

A análise revelou que o luto normal, quando adequadamente elaborado, contribui para o desenvolvimento emocional, enquanto o luto patológico pode acarretar consequências como isolamento, dificuldades relacionais, comprometimento cognitivo e riscos psicopatológicos a longo prazo. O trabalho do psicólogo foi considerado essencial no processo de luto, oferecendo suporte emocional e ajudando a criança ou adolescente a compreender e expressar seus sentimentos. A inclusão da família e a participação em rituais de despedida também foram identificadas como práticas importantes para promover um luto saudável.

Além disso, destacou-se a importância de uma escuta sensível e de abordagens que respeitem a linguagem simbólica da infância, bem como a necessidade de formação específica dos profissionais para o manejo adequado dessas situações. A atuação do psicólogo, portanto, deve integrar tanto o cuidado individual quanto a articulação com o núcleo familiar, garantindo um suporte integral à criança ou ao adolescente enlutado.

Este estudo possibilitou uma compreensão mais aprofundada acerca de como crianças e adolescentes vivenciam o processo de luto e os efeitos que ele provoca em suas emoções, comportamentos e interações sociais. Tal compreensão revela-se de extrema relevância, pois permite ao profissional de Psicologia oferecer um suporte mais sensível, empático e eficaz, contribuindo para que o sujeito enlutado possa elaborar sua perda de maneira mais saudável.

Conclui-se, assim, que enfrentar o luto na infância e adolescência com seriedade, empatia e conhecimento é um compromisso ético da Psicologia. Romper com o silêncio e os eufemismos diante da morte é também uma forma de cuidado que contribui para que a dor possa ser simbolizada, elaborada e, por fim, integrada à história de vida de forma menos sofrida e mais significativa.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: Fifth edition, text revision**. Washington, DC: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.
- AZEVEDO, L. S. **Um pedaço de mim que se foi: a criança e a elaboração do luto parental frente à perda dos genitores**. Juazeiro do Norte, CE: Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/353324902>. Acesso em: 13 de set de 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASSO, L. A.; WAINER, R. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Cognitivo-Comportamental**, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2011. Disponível em: [https://www.rbtc.org.br/detalhe\\_resumo.asp?id=138](https://www.rbtc.org.br/detalhe_resumo.asp?id=138). Acesso em: 14 set. 2024
- BRASIL. **Luto prolongado é um transtorno mental, segundo a Organização Mundial de Saúde**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/luto-prolongado-e-um-transtorno-mental-segundo-a-organizacao-mundial-da-saude>. Acesso em: 2 de out. 2024
- CRUZ, M. C. N. L. *et al.* Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, 11 jul. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17255>. Acesso em: 19 mar. 2025
- DACOREGIO, L. M. **Luto na infância e adolescência: estratégias para a comunicação eficiente**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psiquiatria da Infância e Adolescência) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/276622>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- KLINGER, E. F.; MIRANDA, F. J.; OLIVEIRA, D. P. O luto na infância: uma revisão sistemática. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 3, p. 44957-44962, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37118/ijdr.21314.03.2021>. Acesso em: 12 mar. 2025
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. Disponível em: *Morte e Desenvolvimento Humano - Kovacs.pdf*. Acesso em: 11 de set. 2024.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. Tradução de Paulo Menezes. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/44361232/>. Acesso em: 02 set. 2024.
- MARQUES, J. P. **O luto e suas manifestações**. Universidade de Lisboa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/42230/1/JoanaPMarques.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024

MEDEIROS, K. S. *et al.* Morte: o processo do luto. **Psicologia.pt** 2019. ISSN 1646-6977 . Disponível em: Account Suspended

MELLO, G. R. E. D.; LIMA, L. P.; MOTA, D. C. B. Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira. **Revista Saber Digital**, v. 14, n. 1, 2 mai. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24859/SaberDigital.2021v14n1.940>. Acesso em: 15 mar 2025

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 20 out. 2024

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/31568293/>. Acesso em: 20 set. 2024.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132>. Acesso em: 06 out. 2024.

PARKES, C. M. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26372988\\_Luto\\_estudos\\_sobre\\_a\\_perda\\_na\\_vida\\_adulta](https://www.researchgate.net/publication/26372988_Luto_estudos_sobre_a_perda_na_vida_adulta). Acesso em: 16 set. 2024.

PEREIRA, L. A. G. *et al.* Atendimento ao luto na infância: percepções e estratégias utilizadas pelo psicólogo. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 11, p. 52204–52212, nov. 2021. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/23416.pdf>. Acesso em: 12 set 2025

PINHO-FUSE, M. X. **Luto à flor da pele: tatuagens in memoriam em leitura psicanalítica**. São Paulo: Editora Blucher, 2022. E-book. ISBN 9786555060843. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555060843/>. Acesso em: 25 set 2025.

PRADO, R. D. **A elaboração do luto infantil na perda do genitor**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Anhanguera, Osasco, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/35822/1/>. Acesso em: 26 set 2024.

RONCATTO, R. **Luto infantil**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4958/> . Acesso em: 4 set 2024.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024

TAVARES, M. I. R. **A morte e a criança: uma análise sócio-histórica e psicológica acerca da vivência do luto infantil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2018. Disponível em: <https://www.unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc>. Acesso em: 22 set. 2024.

TEIXEIRA, C. S. *et al.* **Ressignificando a vida: o luto em crianças e adolescentes durante a pandemia por COVID-19**. Projetos Integrados (PI), 2022. Disponível em: [ibict.unifeob.edu.br](http://ibict.unifeob.edu.br). Acesso em: 22 abr. 2025.

TORRES, N. **Luto: a dor que se perde com o tempo (...ou não se perde?)**. Londrina: Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n8ns05>. Acesso em: 29 agost. 2024.